IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

UMA SÉRIE PODE EDUCAR PARA A SEXUALIDADE? PROBLEMATIZANDO SEX EDUCATION

Eixo Temático 3: Artefatos culturais, mídias e educação: Discutindo os corpos, os gêneros e as sexualidades em diversos espaços educativos

Luana da Silva Reis [1]
Anderson Ferrari [2]

RESUMO

Este artigo é fruto de uma pesquisa de mestrado em Educação em andamento, que problematiza a série *Sex Education* enquanto um artefato cultural a partir de um contexto de ampliação do conservadorismo contemporâneo. Pretendemos expor o percurso desenvolvido desde agosto de 2023 até a qualificação em novembro de 2024, onde trabalhamos a série, entendendo-a enquanto um artefato cultural que transmite uma diversidade de pedagogias e ajuda a pensar a educação para além das instituições formais. Nesse espaço, apresentaremos como foi a seleção dos episódios, quais os referenciais teóricos, como vem sendo feita a produção de dados acerca das imagens e quais as questões têm nos orientado para construir um trabalho que, para além de uma dimensão acadêmica, possui uma dimensão social e política.

Palavras-chave: Sex Education, Artefato Cultural, Educação para sexualidade.

INTRODUÇÃO

Este artigo se organiza a partir de inquietações do tempo presente, especialmente no que tange aos avanços de uma onda de conservadorismo que vem atingindo o Brasil e parte do mundo. Esta "onda" diz respeito a um movimento crescente de ideias e ações dos setores conservadores, ligados à direita e à extrema direita, que tem influenciado desde discussões acadêmicas a debates na esfera pública. Ela envolve educadoras (es), parlamentares, igrejas e pessoas comuns, como responsáveis por crianças e adolescentes em idade escolar e acabou interferindo, por exemplo, na retirada dos termos "gênero" e

[1] Graduada em História e Mestranda do Curso de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, luanasilva181115@gmail.com;
[2] Professor orientador: Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, anderson.ferrari@ufjf.br;

"orientação sexual" da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em 2017 (Sevilla e Seffner, 2017). Todo esse processo nos convida a pensar: Quem está autorizado a falar sobre educação para sexualidade? Em quais espaços discussões sobre a temática podem ocorrer?

Essas são algumas das inquietações que vem conduzindo uma pesquisa de mestrado em andamento pela Universidade Federal de Juiz de Fora, com foco em problematizar gênero, sexualidade e educação por meio da série *Sex Education* (2019-2023). A produção ficcional da Netflix é filmada no Reino Unido, conta com quatro temporadas e traz temas como diversidade sexual, consentimento, prazer, corpo, afetividade, entre outros.

Nossos questionamentos vêm sendo mediados por alguns conceitos advindos dos Estudos Culturais aliados à perspectiva teórica pós-estruturalista de inspiração foucaultiana. Por meio deles buscamos explorar as relações de saber e poder que compõem o mundo e atravessam os sujeitos nas diversas instâncias sociais. Acreditamos que os sujeitos vão se constituindo ao longo da vida, sendo influenciados pelas comunidades que vivem, pelas músicas, filmes e produtos que consomem. Existe "uma multiplicidade de 'lugares de aprendizagem' que colaboram na condução da conduta do sujeito." (Andrade, 2017, p.14). Com base nesse entendimento, é que a série se faz objeto da dissertação de uma das autoras.

Assim como em outros textos pós-estruturalistas, não desejamos construir uma única verdade sobre educação para sexualidade, apenas propor problematizações sobre o tema e explorar a potencialidade da série enquanto recurso midiático.

METODOLOGIA

Após definirmos os objetivos da pesquisa, os primeiros meses de trabalho foram dedicados à leitura de algumas dissertações do grupo de pesquisa Gesed (Grupo de estudos de gênero, sexualidade, educação e diversidade) que também faziam o uso de imagens. Logo após foi realizado um levantamento online no Banco de Dissertações e Teses da Capes, na plataforma SciELO (Scientific Electronic Library Online) e no Google Acadêmico acerca das produções que já haviam sido feitas até o primeiro

semestre de 2024. Além disso, nos concentramos em alguns conceitos que são importantes para construção do trabalho final, como gênero, sexualidade, artefatos e pedagogias culturais e educação para sexualidade. Foi apenas no segundo semestre de 2024 que começamos a explorar a metodologia de etnografia de tela ao analisar o primeiro tema para qualificação. Segundo a pesquisadora Carmen Rial (2004, p.30), etnografia de tela é uma "metodologia que transporta para o estudo do texto da mídia procedimentos próprios da pesquisa antropológica, como a longa imersão do pesquisador no campo, a observação sistemática, registro em caderno de campo, etc.". Tendo em mente esses elementos próprios da pesquisa antropológica, buscou-se assistir a série, nosso objeto e campo fazendo as anotações em um caderno específico que vem sendo revisitado e completado sempre que surge um novo detalhe que antes não havia sido percebido.

O projeto de mestrado previa a análise dos episódios da primeira temporada, contudo, as conversas com o orientador fizeram perceber que o mais interessante seria abordar aqueles episódios que mais chamassem atenção da pesquisadora, uma vez que as perspectivas pós-estruturalistas dizem também dos nossos afetamentos. A partir de então, voltamos a atenção ao levantamento inicial do caderno de campo, onde havia registrado todos os episódios das quatro temporadas, as sinopses disponibilizadas pela Netflix e minhas observações sobre cada um. Escolhemos 5 episódios e 4 temas: "assédio e sororidade", "confiança, conversa e verdade", "uma aula educação sexual" e "enquadramentos estimulados pelo ambiente escolar". Não significa que apenas estes tragam potenciais discussões sobre gênero ou tratem de educação para sexualidade, porém era necessário para o tempo de qualificação e defesa delimitar nosso campo de observação. Foram eles que de alguma maneira me tocaram enquanto professora, enquanto mulher e que nos possibilitaram um alinhamento com a perspectiva teórico-metodológica. Através deles pretendemos discutir currículo, problematizar quem está autorizado a tratar de educação para a sexualidade e quais discursos são socialmente mais valorizados, a atuação da escola nos processos de normatização dos corpos (e as violências desses processos), entre outros.

Na qualificação em novembro de 2024 apresentamos o esboço de 3 capítulos: o primeiro onde desenvolvemos uma discussão teórica sobre as perspectivas

pós-estruturalistas e o encontro com as pesquisas do Gesed; o segundo, voltado ao levantamento bibliográfico sobre a série *Sex Education;* e o terceiro onde apresentamos uma discussão inicial sobre a metodologia que será utilizada na dissertação juntamente com a análise do primeiro tema escolhido. A qualificação foi realizada em novembro e desde então temos nos empenhado em atender as demandas da banca e ampliar as discussões propostas.

DISCUSSÃO: Uma série pode educar para a sexualidade?

A pergunta que dá nome a nosso artigo tem nos acompanhado desde os primeiros meses de escrita do texto de qualificação e adiantamos que não temos uma resposta fechada para ela. Contudo, ela tem movimentado ideias e é sobre essas ideias que convidamos o leitor a pensar conosco. Uma série pode educar? Quais os limites de uma produção midiática e como isso interfere nos processos educativos?

Os Estudos Culturais contribuíram para a ampliaração daquilo que pode ser considerado objeto de análise acadêmica ao reconhecerem produções culturais, como artefatos culturais (Andrade e Costa, 2017). Esses artefatos - filmes, músicas, livros - transmitem pedagogias (culturais) que não apenas entretêm, mas também educam os sujeitos, influenciam comportamentos, afetos, modos de consumo e formas de se relacionar consigo e com o mundo. Nesse sentido, uma série pode nos educar, especialmente ao oferecer narrativas, representações e modelos de identificação que atravessam os espectadores.

Sex Education, por exemplo, oferece possibilidades de representação das adolescências: dos comportamentos, dos gostos, das angústias. E quando tratamos de gênero e sexualidade, ela apresenta discussões que por vezes não são exploradas nas salas de aula, como assédio, prazer, interrupção voluntária de gravidez, métodos contraceptivos para relações entre pessoas do mesmo sexo, entre outros. É necessário refletir, entretanto, sobre os limites desse tipo de produção. A mídia, enquanto produtora de sentido, opera dentro de lógicas de mercado, possui “endereçamentos” (Ellsworth, 2001), funciona a partir de interesses econômicos e culturais. Dessa forma é preciso

analisá-la criticamente e pensar seus impactos nos sujeitos. Luís Sommer e Irmo Wagner (2007, s/p) consideram que as mídias, a rigor, "operam pela sedução, que colonizam o desejo, que capturam indivíduos e produzem formas padronizadas de sujeito". Isso significa, que não é porque *Sex Education* traz representações de adolescência e questionamentos válidos sobre sexualidade que a série deva ser entendida com um manual para tratar desses assuntos. Embora uma série possa educar, ela o faz de forma situada, parcial e não substitui os processos formais de educação.

As mídias possuem grande potencial pedagógico, influência e alcance. Porém podem encontrar limites em construir diálogos estruturados, tratar assuntos de forma generalizada e superficial, sem mencionar que não existe de antemão, por se tratar de uma produção ficcional, um compromisso em compartilhar saberes científicos. Nossas primeiras análises sobre os episódios mostraram até o momento, a necessidade de que haja um adulto intermediando o diálogo sobre sexualidades e práticas sexuais no ambiente escolar. No universo ficcional de *Sex Education* é um dos alunos da escola que "atende" os colegas se apresentando como terapeuta sexual. Embora se crie um ambiente de escuta, que muitos adolescentes não encontrariam em casa, por vezes o personagem acaba disseminando informações imprecisas, por não ter a experiência e o conhecimento necessários.

No trabalho que estamos construindo, temos refletido sobre como educar para sexualidade, em meio aos desafios que são colocados especialmente às professoras e aos professores da educação básica, como por exemplo, o enfrentamento de alguns grupos que afirmam que "educação sexual" deve ficar a cargo da família, para que as crianças não sejam expostas a imagens eróticas e nem estimuladas precocemente ao sexo. O primeiro ponto, é definir o que estamos entendendo por educação para sexualidade, que seria uma educação responsável sobre os corpos (das crianças e adolescentes) e a sexualidade (enquanto uma característica intrínseca aos sujeitos) que respeite as faixas etárias e que seja feita de forma integral, desde os anos iniciais (Louro, 1999, Furlani, 2012). O intuito seria explorar a temática de maneira natural, além de oferecer ferramentas para que as alunas e os alunos possam se proteger de abusos sexuais e psicológicos, aprender sobre composições de grupos familiares diversos e sobre diversidade. Justamente por buscar uma dimensão mais ampla é que nos afastamos do

termo "educação sexual" que foi desgastado ao longo do tempo, segundo Constantina Xavier Filha (2017, p.20) "pelas práticas calcadas prioritariamente no biologicismo, nas informações sobre anticoncepção e doenças sexualmente transmissíveis, especialmente fundamentadas em preceitos essencialistas e universalizantes". Ao adotarmos uma abordagem mais crítica e cultural, buscamos ampliar a compreensão sobre sexualidade como uma construção social e histórica, incorporando aspectos afetivos, éticos e relacionais que dialogam diretamente com a formação integral dos sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por reconhecer as produções midiáticas como artefatos culturais, os Estudos Culturais nos convidam a ampliar o entendimento sobre os espaços educativos "para além daqueles que têm lugar em instituições historicamente vinculadas a ações de educar" (Wortmann, Costa e Silveira, 2015, p. 37). Nesse contexto, compreender uma série como *Sex Education* não apenas como entretenimento, mas como um dispositivo pedagógico, nos permite refletir sobre os modos pelos quais discursos sobre sexualidade (gênero e educação) são produzidos, compartilhados e ressignificados socialmente.

Embora não substituam os processos formais de ensino, as mídias desempenham um papel formativo relevante, pois afetam subjetividades, promovem identificações e colocam em circulação temas que muitas vezes são silenciados nas escolas e nas residências das(os) estudantes. No entanto, é fundamental olhar para essas produções de forma crítica, reconhecendo seus limites e contradições.

Por meio do Gesed, percebemos que as pesquisas sobre gênero, sexualidade e educação vem se dedicando não apenas em compreender os processos que atravessam os sujeitos, mas em dialogar com a sociedade para além da academia. No entanto, ainda há um longo caminho para que as discussões sobre a educação para sexualidade se tornem acessíveis e sejam revertidas em políticas públicas, sobretudo com os avanços dos grupos conservadores no Brasil. Trata-se de um campo em constante construção, atravessado por disputas, desafios e possibilidades, o que evidencia a necessidade de aprofundamento teórico e metodológico. Nesse sentido, abre-se espaço para novas

investigações que contribuam com práticas educativas mais críticas e plurais somem-se a esta.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Paula Deporte de. **Artefatos culturais midiáticos e pedagogias culturais:** uma análise para explorar as qualidades pedagógicas da vida. 38ª Reunião Nacional da ANPEd – 01 a 05 de outubro de 2017 – UFMA – São Luís/MA, p.1-16.

ANDRADE, Paula Deporte de, COSTA, Marisa Vorraber. Nos rastros do conceito de pedagogias culturais: invenção, disseminação e usos. EDUR • **Educação em Revista**. 2017; 33:e157950 DOI: http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698157950

FURLANI, Jimena. Educação sexual: possibilidades didáticas. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane (orgs), **Corpo, gênero e sexualidade:** um debate contemporâneo na educação. Petrópolis,RJ: Vozes 8ª ed. 2012.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** Uma perspectiva pós-estruturalista. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

RIAL, Carmen Silvia. 2004. **"Antropologia e Mídia: Breve Panorama das Teorias de Comunicação"**. Antropologia em Primeira Mão. https://apm.ufsc.br/titulos-publicados/. Acesso em 12 de janeiro de 2025.

SEVILLA, Gabriela, SEFFNER, Fernando. **A guinada conservadora na educação:** reflexões sobre o novo contexto político e suas reverberações para a abordagem de gênero e sexualidade na escola. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 2017, Florianópolis. Disponível em: https://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499465018_ARQUIVO_textocompletofazendogeneroversaofinalgabrielasevillaefernandoseffner.pdf acesso em: 20 de abril de 2025.

SOMMER, Luís Henrique; WAGNER, Irmo. **Mídia e Pedagogias Culturais**. s/p, 2007. Disponível em: https://moodlep.uem.br.

WORTMANN, Maria Lúcia; COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel. Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em Educação no Brasil. **Educação**, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 32-48, jan./abr. 2015. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/1844. Acesso em: 15 de abril de 2025.

XAVIER FILHA, Constantina. Educação para a sexualidade: Carregar água na peneira? **Revista Diversidade e Educação**, v. 5, n. 2, p. 16-39, Jul./Dez. 2017.